LIVRO 3 DA TRILOGIA COMANDO SUL

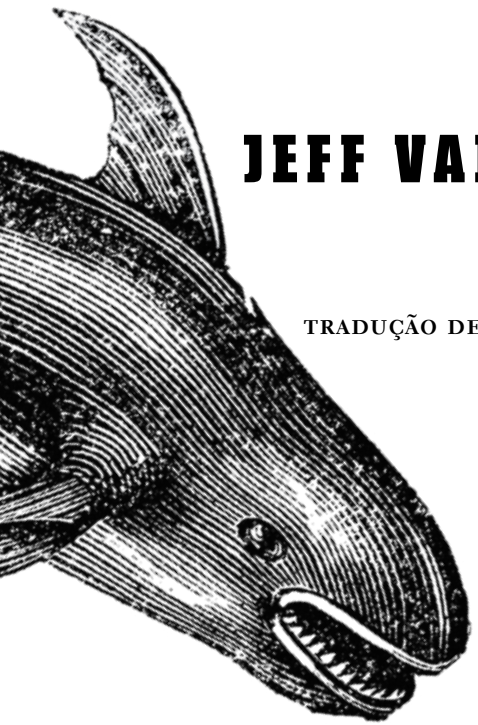
A CEITAÇÃO

JEFF VANDERMEER

ACEITAÇÃO

ACEI

TAÇÃO



JEFF VANDERMEER

TRADUÇÃO DE BRAULIO TAVARES

intrínseca

Copyright © 2014 by VanderMeer Creative, Inc.
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York

TÍTULO ORIGINAL
Acceptance

PREPARAÇÃO
Elisa Menezes

REVISÃO
Gabriel Machado

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DESIGN DE CAPA
© Charlotte Strick

ILUSTRAÇÃO
© Eric Nyquist

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V315a
Vandermeer, Jeff
Aceitação / Jeff Vandermeer ; tradução Braulio Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
368 p. ; 21 cm. (Trilogia Comando Sul ; 3)

Tradução de: Acceptance
Sequência de: Autoridade
ISBN 978-85-8057-876-8

1. Ficção americana. I. Tavares, Braulio. II. Título. III. Série.

15-29178 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Ann

000X: A DIRETORA, DÉCIMA SEGUNDA EXPEDIÇÃO

Bem ali, fora do alcance, quase perto de você: o avanço e a espuma da arrebentação, o cheiro penetrante do mar, as silhuetas das gaivotas se entrecruzando nos ares, seus gritos bruscos, incômodos. Um dia normal na Área X, um dia extraordinário — o dia da sua morte —, e ali está você, encostada a um banco de areia, meio protegida por um muro em ruínas. O sol quente contra o seu rosto, e acima a visão vertiginosa da torre do farol, iminente em sua própria sombra. O céu tem uma intensidade de cor que não admite nada além da sua prisão azul. Há areia pegajosa reluzindo no corte profundo que atravessa sua testa; há *algo* picante em sua boca, escorrendo.

Você se sente entorpecida e quebrada, mas há um alívio estranho misturado ao arrependimento: ter percorrido um caminho tão longo, ter parado ali, sem saber o que iria acontecer, e ainda assim... *descansar*. Vir para descansar. Finalmente. Todos os planos que você concebeu lá no Comando Sul, o medo angustiante e permanente de cometer um erro ou coisa pior, o preço daquilo...

Tudo agora está escorrendo na areia ao seu lado, em pérolas rubras.

A paisagem avulta à sua frente, curvando-se às suas costas para vê-la melhor. Em alguns trechos ela explode em clarões, ou gira em torvelinho, ou se reduz a um ponto luminoso, antes de voltar a entrar em foco. Sua audição também não é mais o que era; enfraqueceu, juntamente com o seu equilíbrio. E então vem essa coisa impossível: uma voz que brota da paisagem e a impressão de que há olhos sobre você, como um truque de mágica. O sussurro é familiar: *Sua casa está em ordem?* Mas você pensa, seja lá quem está perguntando deve ser um estranho, e você o ignora, não gosta de pensar em quem pode estar batendo à porta.

O latejar no seu ombro, depois daquele encontro na torre, está muito pior. A ferida traiu você, a fez saltar para aquela ardente imensidão azul mesmo contra a sua vontade. Alguma comunicação, algum gatilho embutido entre a ferida e aquela chama que se aproximou dançando por entre os juncos, traiu a sua soberania. Sua casa raras vezes esteve tão desarrumada e, no entanto, você sabe que independentemente do que deixará daí a uns minutos, outra coisa há de ficar. Desaparecer no céu, na terra, na água não é garantia de morte aqui.

Uma sombra une-se à sombra do farol.

Em seguida, chega o rangido de botas e, desorientada, você grita "Aniquilação! Aniquilação!" e se debate até perceber que a aparição ajoelhada à sua frente é a única pessoa insensível a essa senha.

— Sou só eu, a bióloga.

Só você. Apenas a bióloga. Apenas sua arma desafiadora, arremessada contra as paredes da Área X.

Ela escora você, põe água na sua boca, limpando um pouco do sangue, e você tosse.

— Onde está a topógrafa? — pergunta você.

— No acampamento — responde ela.

— Não veio com você?

Medo da bióloga, medo daquela chama que crescia, tão parecida com você. "Uma chama queimando em fogo lento, um fogo-fátuo, flutuando entre o pântano e as dunas, flutuando e flutuando, não parecia humano, mas algo livre, flutuando." Uma sugestão hipnótica cujo propósito era deixá-la calma, mesmo não tendo mais efeito que uma canção de ninar.

A conversa avança, mas você continua oscilando, perdendo o fio da meada. Você diz coisas que não quer, tenta manter o seu personagem — a pessoa que a bióloga conhece, aquela imagem construída para ela. Talvez você não devesse se preocupar mais com papéis, a esta altura, mas ainda resta um a ser desempenhado.

Ela acha que você é a responsável, e você não pode culpá-la.

— Se foi um desastre, você ajudou a produzi-lo. Você apenas cedeu ao pânico e desistiu.

Não é verdade — você nunca desistiu —, mas assente de qualquer maneira, pensando em todos os enganos que foram cometidos.

— Fiz isso. Fiz mesmo. Eu deveria ter percebido mais cedo que você tinha mudado. — Era verdade. — Deveria ter mandado você para a fronteira. — Não era verdade. — Não deveria ter descido com a antropóloga.

Não era verdade, não mesmo. Você não teve escolha, depois que ela escapuliu do acampamento, querendo submeter-se àquela provação.

Você tosse um pouco mais de sangue, mas isso agora não importa mais.

— Qual é a aparência da fronteira?

Uma pergunta infantil. Uma pergunta cuja resposta não significa nada. Não existe nada a não ser a fronteira. Não existe fronteira.

Vou lhe dizer quando chegar lá.

— O que acontece de fato quando a cruzamos?

Não é o que você imagina.

— O que foi que você escondeu de nós sobre a Área X?

Nada que pudesse ter sido útil a vocês. Não mesmo.

O sol é um halo esmaecido e sem centro e a voz da bióloga se aproxima e se afasta; a areia é ao mesmo tempo quente e fria dentro de sua mão direita cerrada. A dor, que segue voltando em explosões, agora ataca a cada dois microssegundos, tão presente que nem parece mais estar ali.

A certa altura, você percebe que perdeu a capacidade de falar. Mas continua ali, abafada e distante, como se fosse uma criança deitada num lençol nessa mesma praia, com os olhos cobertos por um chapéu. Embalada até cair no sono pelo barulho constante das ondas e pela brisa do mar, compensando o calor que ondula sobre você, espalhando-o por todos seus membros. O vento contra seus cabelos é uma sensação tão remota quanto o farfalhar da relva que brota de um rochedo em forma de cabeça.

— Sinto muito, mas tenho que fazer isto — diz a bióloga, quase como se soubesse que você ainda pode ouvi-la. — Não tenho escolha.

Você sente algo agarrando e repuxando sua pele, o corte breve e incisivo, enquanto a bióloga recolhe uma amostra do seu ombro infectado. De uma distância enorme, intransponível, descem mãos examinadoras enquanto a bióloga passeia pelos bolsos do seu casaco. Ela encontra seu diário. Encontra sua arma escondida. Encontra sua carta patética. O que fará com elas? Talvez nada. Talvez apenas jogue a carta no mar, e a pistola junto. Talvez desperdice o resto da vida estudando o seu diário.

Ela continua falando:

— Não sei o que dizer a você. Estou com raiva. Estou com medo. Você nos trouxe para cá e teve a chance de me contar o que sabia, e não o fez. E nunca teria feito. Eu gostaria de desejar que descansasse em paz, mas não acredito que isso aconteça.

E então ela se vai e você sente sua falta, aquele peso de um ser humano ao seu lado, a bênção perversa daquelas palavras, mas não sente a falta dela por muito tempo porque está se dissipando cada vez mais, fundindo-se com a paisagem como um espectro relutante, e pode ouvir uma melodia fraca e delicada à distância, e alguma coisa que já sussurrou ao seu ouvido no passado está sussurrando novamente, e você começa a se dissolver no vento. Uma espécie de olhar alienígena colou-se a você, algo que poderia ser facilmente confundido com os átomos do ar se não fosse uma coisa tão concentrada, tão intencional. Alegre?

Arrebatada por sobre os lagos tranquilos, erguendo-se sobre o pântano, cintilando em reflexos verde-faiscantes contra o mar e a areia da praia no sol de fim de tarde... apenas para girar e aterrissar contra o interior e seus ciprestes, sua água negra. Depois ascende bruscamente de novo rumo ao céu, mirando o sol, uma guinada, um rodopio e logo uma queda livre, girando o corpo para ver de frente a terra que se aproxima veloz, estendida sobre a imagem fugaz dos juncos que ondeiam devagar. Você quase espera avistar Lowry ali, o sobrevivente ferido da longínqua primeira expedição, arrastando-se em busca da segurança da fronteira. Mas em vez disso há apenas a bióloga voltando com dificuldade pelo caminho escuro... e esperando por trás dela, soltando gemidos lamentosos, uma criatura alterada, o psicólogo da expedição anterior à décima segunda. Culpa sua, tanto quanto dos demais; culpa sua, e irrevogável. Imperdoável.

Enquanto você faz uma curva para retornar, o farol aproxima-se veloz. O ar tremula ao passar por ele e depois se recompõe, sempre buscando, sempre experimentando, erguendo-se bem alto apenas para logo descer de novo, e finalmente voando em círculos como um ponto de interrogação, de modo que você pode contemplar sua autoimolação: aquele vulto encolhido no solo, vazando luz. Que figura triste, ali adormecida, dissolvendo-se. Uma chama verde, um sinal de inquietação, uma oportunidade.

Você ainda está voando? Ainda está morrendo, está morta? Você não consegue mais distinguir.

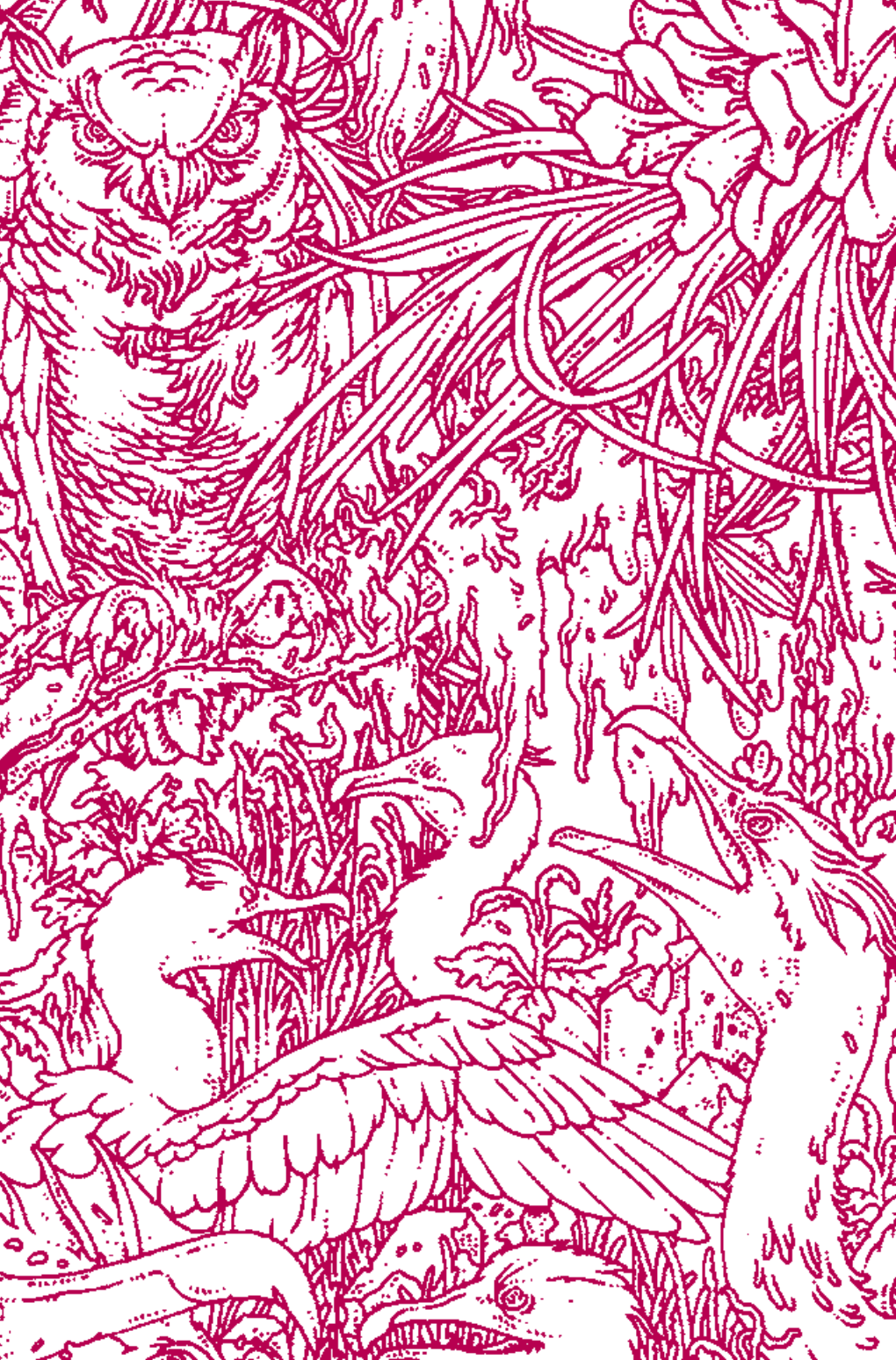
Mas o sussurro ainda não lhe deixou em paz.

Você não está lá embaixo.

Está no alto.

E ainda há uma pergunta que não foi respondida.

Uma que ficará se repetindo até que você tenha dado todas as respostas.



LIVRO 3 DA TRILOGIA COMANDO SUL

"Bem ali, fora do alcance, quase perto de você: o avanço e a espuma da arrebentação, o cheiro penetrante do mar, as silhuetas das gaivotas se entrecruzando nos ares, seus gritos bruscos, incômodos. Um dia normal na Área X, um dia extraordinário — o dia da sua morte."

"Assustador e fascinante."
Stephen King

"Talvez, no final, não seja possível entender completamente a Área X, mas o leitor termina o livro transformado, assim como todos os expedicionários que visitaram esse lugar inexplicável."
Kirkus Reviews

"Quando começar a ler, você não vai parar. E pode até ter pesadelos."
The Guardian

ISBN 978-85-8057-876-8
9 788580 578768
www.intrinseca.com.br